

Copas do Mundo, Jornalismo e Idolatria: As representações das contusões de Pelé em 1962 e Neymar em 2014 pelos jornais impressos¹

Fernanda Rezende PEDRO²
Francisco Ângelo BRINATI³

Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, MG

Resumo

É inquestionável a importância do futebol para os brasileiros, o esporte está ligado à cultura do país. Sendo assim, as narrativas produzidas pelos meios de comunicação durante as competições buscam entreter e conquistar a atenção da população. Conseqüentemente, os personagens que fazem parte do universo do futebol adquirem traços característicos de idolatria e heroísmo. Buscaremos identificar a interferência da mídia na formação da opinião pública diante dos acontecimentos da Copa do Mundo de 1962 e 2014. No caso dos jogadores Pelé e Neymar, veremos qual a visibilidade dada pelos jornais impressos que construiu simbolicamente a condição de heróis desses dois atletas diante da Seleção Brasileira. Será analisado como foram narradas na mídia, as performances dos atletas diante das contusões sofridas durante a Copa do Mundo.

Palavras-chave: Jornalismo Impresso; Esporte; Interfaces Comunicacionais; Representação; Seleção Brasileira.

1. Futebol como parte da construção da identidade nacional

O futebol desempenha um papel fundamental na construção da identidade cultural do país e se faz importante analisarmos a postura dos meios de comunicação diante das Copas do Mundo disputadas pelo Brasil. O esporte sempre foi muito discutido pela mídia, neste contexto, a reflexão sobre o papel da imprensa esportiva de acordo com período histórico é fundamental para que possamos observar as modificações dos critérios de noticiabilidade e de como foi abordado determinado assunto para atingir o público-alvo. Em tese, portanto, os jornalistas esportivos acabam por construir uma imagem baseada não só nos fatos, mas levantando outras questões externas.

Segundo Guedes (2009, p. 462), desde a Copa de 1938, a identidade nacional brasileira encontrou seu ritual de congregação máximo: as Copas do Mundo. E em poucas sociedades uma competição esportiva específica assumiu as dimensões que

¹Trabalho apresentado na Divisão Temática IJ06 – Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de São João del-Rei, email: fernanda_abdalla7@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Email: chicobrinati@ufs.br.

o torneio teve no nosso país. Concordamos que a “Copa do Mundo é um excelente momento para se refletir sobre o significado do futebol no Brasil, já que, nesta época, as manifestações deste esporte tornam-se muito mais intensas e dramáticas”. (HELAL, 2001, p.151).

Compreendemos que a relação do brasileiro com o futebol ultrapassa as dimensões de lazer e competição. As constantes manifestações de emoção e “amor” dos torcedores pelo futebol e a ação da mídia diante desse cenário, seria um caso a ser estudado. Para Da Matta (1982), o futebol no Brasil é uma espécie de “drama da vida social”, onde se colocam em cena questões estruturais e hierárquicas da sociedade brasileira. Ele tem sido objeto de apropriações ideológicas diversas, no sentido de compor uma “identidade nacional”, na qual desempenha um importante papel, como princípio aglutinador do “povo brasileiro” na sua constituição como nação (GASTALDO, 2001, p. 125). Precisamos dizer que a seleção brasileira se tornou, ao longo de 100 anos de história, um dos principais instrumentos de sentido de pertencimento do povo brasileiro. Muito se deve às construções realizadas pelos discursos da imprensa. Através dos enquadramentos noticiosos produzidos pela mídia, o leitor formula sua opinião sobre determinado fato.

2. Heróis e Copas do Mundo

“O Brasil é o país do futebol”, muitas vezes escutamos as pessoas dizendo essa frase ou encontramos reproduções dela nas mídias. Sendo assim, as narrativas produzidas pelos meios de comunicação durante as competições buscam entreter e conquistar a atenção da população. Consequentemente, os personagens que fazem parte do universo do futebol adquirem traços característicos de idolatria e heroísmo. Nas Copas do Mundo, podemos ver essa situação, quando se constrói a imagem de um “herói” dentro de campo. Os veículos destacam esses jogadores e produzem notícias sobre a trajetória, desempenho e até mesmo a vida pessoal deles, durante a Copa do Mundo.

De fato, em grande parte, esta ligação da cultura brasileira contemporânea com o 'esporte bretão' se deve à bem sucedida participação brasileira na Copa do Mundo, torneio de futebol entre seleções nacionais realizado a cada quatro anos, desde 1930, no qual o Brasil é o país com maior número de títulos e o único a participar de todas as edições. (GASTALDO, 2001, p. 126).

Da maneira que o futebol está inserido na cultura brasileira percebe-se que seus protagonistas são admirados e idolatrados. Para Edgar Morin (1997), o olimpianismo de

alguns surge do imaginário, ou seja, de personagens em filmes (astros), outros surge de um posto sagrado (realeza, presidência), de seus trabalhos heróicos (campeões exploradores) ou eróticos (playboys, distels). A construção da imagem do jogador como um “herói” é um dos principais pontos para despertar na população um sentimento de confiança e interesse sobre o assunto. A mídia configura o ambiente contemporâneo. Através de seus enquadramentos noticiosos, o indivíduo formula sua opinião sobre determinado fato.

Longe de ser um comportamento arcaico, o culto das estrelas é tipicamente um fato moderno individualista que repousa sobre o movimento em estado livre dos indivíduos: nenhum dogma, nenhum corpo de crença instituído, nenhum ritual obrigatório; nada senão o arrebatamento das paixões amorosas e fantásticas dos sujeitos individuais. (LIPOVETSKY, 2009, p.255).

A cultura de massa, segundo Morin, cria seus heróis, seus semideuses, mesmo que ela se baseie naquilo que é precisamente a decomposição do sagrado: o espelho, a estética. A imprensa de massa, ao mesmo tempo que investe os olímpianos de um papel mitológico, mergulha em suas vidas privadas a fim de extrair delas substância humana que permite a identificação (MORIN, 1997, p.106-107). Ao se constituir jogadores como heróis, com traços de características definidas como nacionais, a brasilidade gera uma identificação com os brasileiros, como na explicação de Umberto Eco (1991) sobre o fascínio que o mito do super-homem exerce sobre nós, principalmente durante a maior competição mundial de futebol, essas características são exacerbadas. O futebol se transforma em fenômeno para a nação brasileira já na década de 1930 e, desde então o esporte faz parte da cultura deste país. Podemos encontrar nos discursos da imprensa, construções das trajetórias dos atletas que se assemelham à saga clássica do herói, como coloca Joseph Campbell:

[...] o herói parte do mundo cotidiano e se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva, o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes. (CAMPBELL, 1995, p. 36).

A comunicação possui o seu próprio ambiente de ação. É nesse cenário que a mídia reproduz seus principais debates sobre os acontecimentos fundamentais, inclusive os assuntos ligados ao futebol. As construções realizadas pelos discursos da mídia sobre a trajetória dos atletas ajudam a plasmar a imagem de heróis nacionais dos jogadores.

3. Imprensa no Mundial: *Jornal do Brasil e Folha de S. Paulo*

O sociólogo Richard Giulianotti define que “o futebol tem uma importância política e simbólica profunda, já que o jogo pode contribuir fundamentalmente para ações sociais, filosofias práticas e identidades culturais de muitos e muitos povos” (GIULIANOTTI, 2010, p.8).

A Copa do Mundo ainda traz uma estrutura narrativa que representa os nacionalismos afirmados entre os séculos XIX e XX. No Brasil, como sabemos, a partir dos anos trinta, o futebol e outras manifestações culturais passaram a fazer parte do projeto de construção da nacionalidade, e nisto o jornal, o rádio, os governantes e os mediadores culturais tiveram um papel fundamental. (HELAL e SOARES, 2004, p. 260).

O processo de construção da notícia está ligado aos interesses dos variados e diferentes grupos, como por exemplo, os veículos de comunicação, os jornalistas, o público envolvido e o público que recebe as informações. Na imprensa, a construção das notícias está ligada diretamente a linha editorial seguida pelo veículo de comunicação. Entre os meios de comunicação, os jornais impressos se manifestam como um objeto de estudo de valor acadêmico apropriado, que auxilia como fonte para os demais veículos e lida diretamente com o público formador de opinião. Por mais que o leitor reelabore as informações, a base a que ele necessita trabalhar é recebida pelos meios de comunicação.

Na década de 1960, no Brasil, os jornais impressos eram um dos principais meios de comunicação. Sendo assim, grande parte da população utilizava – e ainda utiliza - esse meio para se informar. A construção da imagem do jogador como um “herói” é um dos principais pontos para despertar na população um sentimento de confiança e interesse sobre o assunto. Neste trabalho, delimitamos, a princípio, a análise da construção da imagem do jogador Pelé pela imprensa brasileira ao longo da Copa do Mundo de 1962 e a imagem do jogador Neymar durante a Copa do Mundo de 2014. Identificar a idolatria desses atletas esportivos em âmbito nacional, e como essa representação ficou após a contusão e a saída dos jogadores da competição.

Devido à impossibilidade de privilegiar toda a mídia, optamos por analisar os jornais impressos. O trabalho buscou realizar uma interpretação do fenômeno analisado, ou seja, as representações dos jogadores brasileiros veiculadas nos jornais: *Folha de S. Paulo* e *Jornal do Brasil*. Para construir esta interpretação, verificamos as reportagens, contextualizando-as ao veículo e ao momento social em que foi veiculado, assim, interpretamos os diferentes significados das representações abordadas pelos jornais em cada período. E de modo a compor um estudo complexo e abrangente do que foi usado como representação do jogador

Pelé na Copa de 1962 e de como estas representações se articularam na Copa de 2014 com atuação do jogador Neymar. Com isso, a metodologia que aqui se utilizou para a análise dos textos teve como uma de suas características centrais a ênfase no estudo comparativo entre a construção do discurso do *Jornal do Brasil* na Copa do Mundo de 1962, quando o jogador Pelé sofreu uma contusão e não pode mais jogar o campeonato, com o discurso da *Folha de São Paulo* na Copa de 2014, quando o jogador Neymar sofre contusão e deixa a competição. O *corpus* delimitado se concentrou nos suplementos esportivos de dois dos principais jornais de circulação nacional durante as Copas do Mundo, de 1962 e 2014. Iniciou-se a pesquisa do primeiro ao último dia do Mundial, narrando a trajetória dos ídolos de cada época, Pelé e Neymar, durante a competição.

4. O bicampeonato sem o Rei

De acordo com Carlos Eduardo Sarmiento (2006), no dia 20 de março de 1962, 42 dias antes da do início da Copa do Mundo, os jogadores convocados se apresentaram para começar a se preparar para o torneio. Foram agendadas pela CBD seis partidas que antecederam a competição. Contra o Paraguai, foram dois jogos pela Taça Osvaldo Cruz, vencendo ambos o primeiro por (6 x 0) e o segundo (4 x 0). No mês de maio, aconteceram dois amistosos contra a seleção portuguesa e dois contra o País de Gales. O treinador Aymoré Moreira, usou essas partidas para intercalar novos jogadores ao grupo. A Seleção passou por treinos nas cidades de Campos do Jordão, Serra Negra e Nova Friburgo. O Brasil embarcou para o Chile como favorito da competição. Entretanto, não tinha um time totalmente definido.

Segundo Sarmiento, a comissão técnica que estava reunida para a Copa anterior foi recomposta. Por motivos de saúde Vicente Feola não pode ser o treinador, se tornou membro da delegação assumindo o cargo de assessor especial do supervisor, Carlos de Oliveira Nascimento. No dia 30 de maio de 1962, o técnico Aymoré Moreira escolheu repetir quase que o mesmo time que decidira o título do Brasil da Copa de 1958, quando a seleção conquistou seu primeiro título na competição, a tentativa deu certo, a seleção brasileira venceu os mexicanos na estreia por 2 a 0 sem muito esforço.

“Brasil estréia com o time campeão do mundo” este era o título da reportagem do *Jornal do Brasil* sobre a estreia da seleção brasileira na Copa de 1962. Na matéria o time escalado passa segurança aos torcedores: “o ambiente na concentração é de tranquilidade e confiança, muito embora os jogadores saibam que os mexicanos recorrerão a um sistema defensivo rigoroso, até mesmo à violência, para evitarem a derrota” (JORNAL DO

BRASIL, 30/05/1962, p. 13). O nome do jogador Pelé já aparece em duas matérias “O senhor Pelé” e “Ademir e Pelé sem tabelinha”. A primeira descreve a confiança do povo brasileiro no atleta, mesmo com os julgamentos que ele havia recebido: “a torcida que o vaiou, as críticas que lhe fizeram estão definitivamente humilhadas pela esperança que 70 milhões de brasileiros depositam nêle, no seu talento superior, que suportou as vaias com a tranqüilidade de quem acha que o futebol é belo, e que de ser condenado” (JORNAL DO BRASIL, 30/05/1962, p. 15). A segunda matéria destaca a trajetória de gols do jogador na seleção desde 1957: “Pelé quando completou 18 partidas, havia marcado 31 gols, e nas 24 que já jogou tem um total de 40 gols” (JORNAL DO BRASIL, 30/05/1962, p. 17). Tais discursos fazem com que os torcedores brasileiros criem boas expectativas sobre o atleta e o vejam como promessa de gols durante a Copa de 1962. No dia 31 de maio, após o jogo contra o México, o *Jornal do Brasil* trazia a manchete “Vitória do Brasil só veio no fim”. O nome do jogador Pelé aparece como autor de um dos dois gols, mas também recebe uma crítica: “Durante o primeiro tempo, com o jogador Pelé jogando mais para si do que para a equipe, o Brasil não conseguiu vencer a rígida defesa do México [...]” (JORNAL DO BRASIL, 31/05/1962, p. 1). Apesar das considerações, o atleta é elogiado nas matérias: “Pelé o melhor do Brasil” e “Pelé acaba com jôgo”. O primeiro texto faz uma crítica, mas principalmente exalta o jogador: “Pelé foi a melhor figura do time e do jogo, apesar de no primeiro tempo ter jogado egoisticamente (...); “lutou sempre e teve azar no começo – Pelé o melhor” (JORNAL DO BRASIL, 31/05/1962, p. 12). A segunda matéria narra o gol do jogador, que de acordo com o veículo, foi o que acalmou a seleção em campo, “depois desse gol, os brasileiros começam a jogar tranquilamente” (JORNAL DO BRASIL, 31/05/1962, p. 12). O nome do atleta também aparece nas notícias: “Tempo de sofrer, sofrer” e “Tempo de ganhar, ganhar”, que narram a partida. Pelé é o jogador de maior destaque nas notícias, considerado o melhor em campo. Através dos enquadramentos noticiosos, o *Jornal do Brasil*, constrói uma imagem positiva do jogador, o que desperta a atenção dos torcedores brasileiros.

O jornal do dia 1º de junho de 1962 relembra a partida contra o México. Pelé mais uma vez é exaltado: “o gol de Pelé, porém, merece um capítulo à parte na história do jogo” (JORNAL DO BRASIL, 01/06/1962, p. 11). Além da reportagem, a página apresenta três fotos da partida em que o atleta é citado nas legendas: “O tiro violento de Pelé, de fora da área, deixou o goleiro mexicano Carbajal sem ação. Foi o segundo gol”; “Pelé abraçou-se com Zagalo, ainda no chão, depois do primeiro gol”; “Depois do gol, que só éle sabe fazer,

Pelé recebeu um abraço pelas costas, de Vavá, enquanto Djalma Santos espera sua vez” (JORNAL DO BRASIL, 01/06/1962, p. 11).

A Copa do Mundo chega ao seu quarto dia, o Brasil se prepara para enfrentar a equipe da Tcheco-Eslováquia, segunda partida da seleção na competição. Seleção em campo, o jogo começa com o Pelé se destacando, mas aos 28 minutos do primeiro tempo, o atleta sofre um estiramento muscular na virilha. Pelé teve que sair de campo e permaneceu vários minutos fora, mas depois voltou. No final do jogo mal conseguiu se locomover na ponta esquerda. “Pelé, ainda que seja o maior jogador de futebol do mundo, o melhor de todos os tempos, é tão humano quanto qualquer outro. E, como tal, sofreu uma distensão muscular na virilha, ao chutar uma bola que, teimosamente, foi chocar-se com a trave da Tcheco-Eslováquia” (JORNAL DO BRASIL, 06/06/1962, p. 13). O *Jornal do Brasil* descreveu a saída do atleta como motivo do resultado da partida: “Pelé parou, Brasil empatou” (JORNAL DO BRASIL, 04/06/1962, p. 1). O jornal demonstra a preocupação por Pelé não poder jogar, pelo menos até as finais e descreve o jogo tenso contra a Tcheco-Eslováquia, “Após a contusão de Pelé, a seleção brasileira desarvorou-se. Os tchecos predominaram durante alguns minutos, mas mesmo assim, até o final do primeiro tempo, perderam os brasileiros duas chances de gol. Na segunda fase, praticamente com dez, o Brasil jogou em contra-ataques” (JORNAL DO BRASIL, 04/06/1962, p. 1). Apesar dos acontecimentos, o empate foi considerado um bom resultado pelo treinador brasileiro. De acordo com *Jornal do Brasil*, no intervalo do primeiro tempo, no vestiário, Aimoré Moreira aconselhou os jogadores a não se preocuparem com a vitória, pois o empate já seria um bom resultado para a seleção brasileira, mas que eles não deixassem de lutar pelo triunfo. Percebe-se que falta de Pelé foi sentida pelo treinador. “Ficou de tudo a impressão de que o Brasil teria ganho, se Pelé não se contundisse. Os próprios tchecos assinalaram com gestos que a saída de Pelé facilitou o empate” (JORNAL DO BRASIL, 04/06/1962, p. 20). Para o treinador da Tcheco-Eslováquia Vytlačil com Pelé em campo o resultado seria pior para sua equipe. “Todos concordavam que dificilmente conseguiriam manter o empate se Pelé estivesse em condições até o fim do jogo” (JORNAL DO BRASIL, 04/06/1962, p. 20). Vytlačil afirmou que “o resultado do jogo poderia ser bem outro, realmente, se Pelé não tivesse se machucado” (JORNAL DO BRASIL, 04/06/1962, p. 20).

Mesmo após a contusão o *Jornal do Brasil* não deixa Pelé “sair de cena”, o nome do jogador não deixa de aparecer nas notícias, até mesmo em primeira página retratando o drama vivido pelo atleta e a falta que ele faz para a seleção. Matérias como: “Um homem

deitado”, “Momento Pelé”, “Drama do menino”, “Pelé, Pelé, Pelé”, dentre outras, mostram como o jornal constrói um drama em torno do Rei do futebol que não pode estar em campo, pois está machucado. “O REI SE CURVA ANTE A DOR QUE O BRASIL TODO SENTIU” (JORNAL DO BRASIL, 05/06/1962, p.13).

Não estava sendo fácil de acreditar que Pelé poderia estar fora da Copa, mas a seleção e a torcida brasileira precisavam ter esperança de ainda levar o bicampeonato, foi assim que Amarildo se transformou no novo rei: “Rei agora é Amarildo” (JORNAL DO BRASIL, 06/06/1962, p.1). O Jornal do Brasil não deixou de ressaltar a falta de Pelé, mas precisou dar um incentivo aos brasileiros. Para Fernando Horácio (1962), a perda de Pelé deveria ser superada e os jogadores tinham que provar que se Pelé era o melhor do mundo era em consequência do futebol brasileiro, o melhor do mundo.

A sorte roubou ao Brasil este jogador fabuloso chamado Pelé, mas ainda não nos tirou o título, que, por merecimento e direito, conquistamos na Suécia. A seleção brasileira perdeu um jogador, mas não o perdeu sua condição de campeã, sua categoria invejável, seu futebol que é o melhor do mundo. Seria um absurdo afirmar que Pelé não fará falta. Seria um sofisma dizer que, sem êle, o Brasil é melhor. Seria uma loucura negar o seu valor. Mas a ausência de Pelé de forma alguma, pode servir como desculpa para derrota, se ela vier. É claro que antes todos achávamos que a Copa seria fácil. Agora, tornou-se mais difícil. Mas a seleção brasileira, que pratica o melhor futebol do mundo, terá que provar que seu poderio não se resume a um único jogador, que seu valor está limitado ao nome de Pelé. (JORNAL DO BRASIL, 06/06/1962, p.13).

O confronto seguinte foi com a seleção da Espanha. Primeiro jogo da seleção após a contusão de Pelé. O técnico Aimoré Moreira confiava que Amarildo faria um bom trabalho em campo, e disse: “O time venceu a preocupação da saída de Pelé, e a ausência de nosso grande jogador, ao invés de quebrar o ânimo da equipe, fará com que todos se desdobrem para supri-la (JORNAL DO BRASIL, 06/06/1962, p.14). A partida contra a Espanha só precisava de um empate, mas a seleção venceu por dois a um. Com a vitória a equipe se classificou para as quartas de final. A emoção dos torcedores brasileiros foi destaque no *Jornal do Brasil*, imagens retrataram a alegria da população e as legendas foram: “Muitas pessoas foram acometidas de crises de choro antes do primeiro gol, “As crianças saudaram a vitória da seleção brasileira com gritos e sorrisos”. Pelé não deixou de ter o seu espaço no jornal, em meio a torcida e jogadores eufóricos com a vitória, o atleta entra no vestiário e abraça Amarildo debaixo do chuveiro. “Entre sorrisos e lágrimas de todos, o vestiário brasileiro foi sacudido por um grande carnaval que saudou a vitória sobre a Espanha, e que

teve seu momento mais emocionante quando Pelé entrou debaixo do chuveiro, abraçou Amarildo e lhe disse: ‘Eu sabia que você faria o seu’” (JORNAL DO BRASIL, 07/06/1962, p.14). Apesar do destaque a Garrincha e Amarildo, o jornal dava esperança que Pelé ainda iria voltar para competição. “Pelé melhorou com a vitória, mas só volta para final” (JORNAL DO BRASIL, 08/06/1962, p.11). Para conter a angústia de jornalistas e torcedores com a falta de Pelé, na porta da enfermaria estava pregado um papel timbrado dizendo que o atleta passava bem. “Durante um dia inteiro, na véspera da partida com a Espanha, os grupos de torcedores iam e vinham da porta branca, tentando ver e falar com Pelé” (JORNAL DO BRASIL, 08/06/1962, p.13).

O próximo jogo da seleção seria contra a Inglaterra e o treinador do time inglês Walter Winterbotton achou bom que a seleção brasileira jogasse sem o atleta. “Claro que a ausência de Pelé aumenta a possibilidade de vitória da Inglaterra – disse ontem à tarde o treinador Walter Winterbotton” (JORNAL DO BRASIL, 09/06/1962, p.12). O *Jornal do Brasil* continuou dando esperança que o Rei iria voltar a jogar “Pelé volta amanhã” (JORNAL DO BRASIL, 11/06/1962, p.24). Na matéria dizia que se o Brasil continuasse na Copa o atleta voltaria a treinar. O Brasil vence a Inglaterra por 3 a 1. Após a partida, a dúvida “Pelé pode jogar contra o Chile” (JORNAL DO BRASIL, 12/06/1962, p.1). No dia seguinte, o Brasil iria jogar a semifinal e o jornal anunciou “Pelé praticamente fora do jogo de hoje contra os chilenos” (JORNAL DO BRASIL, 12/06/1962, p.1), mas a esperança continua “Pelé não está bom hoje: só estará bom para final” (JORNAL DO BRASIL, 13/06/1962, p.12). O Rei não entrou na partida contra o time da casa, mesmo assim, a seleção brasileira venceu os chilenos por 4 a 2, garantindo a vaga na decisão.

“Lançar ou não lançar Pelé, eis a questão” (JORNAL DO BRASIL, 15/06/1962, p.12). A final da Copa de 1962 se aproximava e o *Jornal do Brasil* não desistia de Pelé. Apenas na véspera da partida contra a Tcheco-Eslováquia a comissão técnica anunciou que o atleta não poderia jogar “Gosling exclui Pelé da partida de amanhã” (JORNAL DO BRASIL, 16/06/1962, p.11). A seleção brasileira não se deixou abater, a Copa que era de Mané, Amarildo, Vavá e do Brasil. Na final a seleção brasileira venceu os tchecos por 3 a 1, conquistando o bicampeonato.

Pelé o astro da seleção de 1962, não pode mais jogar, vítima da contusão. Neste cenário, o *Jornal do Brasil* produziu constantemente notícias que davam esperança de que a qualquer momento ele poderia estar de volta ao campo para disputar a Copa do Mundo. Esse suspense foi mantido durante todos os outros jogos disputados pela Seleção Brasileira,

depois da saída do jogador. A saída do atleta não impediu que a seleção brasileira levantasse a taça e mesmo Pelé não jogando a maioria dos jogos ele não deixou de ser considerado “Rei”. O ídolo não abandonou sua equipe e acompanhou de perto dando todo apoio aos colegas.

5. Sem o ídolo, sem a taça

Copa do Mundo de 2014, o Brasil é pentacampeão. Em 2014, após 64 anos, o Brasil seria sede da Copa do Mundo, um dos maiores eventos da história do país. “A seleção nacional que busca o hexacampeonato, entra em campo como favorita, invicta nos 13 jogos oficiais com Luiz Felipe Scolari, mesmo técnico do penta em 2002” (FOLHA DE SÃO PAULO, 12/06/2014, p.A1). Na atualidade, com os diversos meios de comunicação, as notícias se tornaram instantâneas, chegando rapidamente ao receptor. Sendo assim, o costume de se esperar o jornal impresso para se informar não é como em 1962, até mesmo esses veículos criaram suas versões online para não perder seu espaço no mercado. Para que os leitores continuassem consumindo o jornal, a *Folha de S. Paulo*, além de dar a notícia principal sobre a competição, abordou o impacto da Copa no país do futebol, dicas de trânsito, opiniões de artistas e pessoas comuns, comentários de especialistas, entretenimento, turismo, diversão, charges, análises, curiosidades sobre o futebol e a vida dos atletas e também informações sobre outras seleções. “Neymar e Daniel Alves aparecem com novo visual” (FOLHA DE S. PAULO, 16/06/2014, p.A1); “Pacotes de **beleza** colorem de verde-amarelo olhos, unhas e tranças de **torcedoras**; corte à La **Neymar** faz a **cabeça** de meninos e engravatados” (FOLHA DE S. PAULO, 18/06/2014, p.D14, grifos nossos).

O primeiro confronto do Brasil na competição foi contra a Croácia. Com apenas 22 anos, Neymar era o principal jogador da seleção de 2014. Em entrevista para o *Folha de S. Paulo*, o atleta disse: “Já estou maduro para estar ansioso [...] Agora não. Já estou bem acostumado a jogar pelo Brasil” (FOLHA DE S. PAULO, 12/06/2014, p.D2). “Não quero ser o **melhor**. Só quero o título, afirma ex-santista, que, com 31 gols, está perto de entrar para a lista dos dez **maiores** artilheiros do Brasil” (FOLHA DE S. PAULO, 12/06/2014, p.D3, grifos nossos). O Brasil venceu a Croácia por 3 a 1, dois gols de Neymar e um de Oscar. Imagens e notícias na *Folha* dão destaque ao ex-santista. A seleção canarinho depois enfrentou o México e o resultado não agradou, ficou no 0 a 0, “o Brasil registra seu pior início de Mundial desde 1978” (FOLHA DE S. PAULO, 18/06/2014, p.A1). Neymar foi capa do caderno de esporte que veio com o seguinte questionamento “Será que dá?”

(FOLHA DE S. PAULO, 18/06/2014, p.D1). Apesar do empate, o técnico Felipe Scolari mostrou-se satisfeito com o resultado e defendeu Neymar: “Ele não ganha nem perde sozinho, faz parte do grupo. Vamos fazer um trabalho para que tenhamos oportunidades de ganhar com ou sem Neymar, com ele mais ou menos marcado, afirmou Felipão” (FOLHA DE S. PAULO, 18/06/2014, p.D4). O veículo demonstra a preocupação com o desempenho da seleção, “no mata-mata, será preciso mais do que Neymar, espírito guerreiro e hino cantado com força” (FOLHA DE S. PAULO, 18/06/2014, p.D7).

O próximo confronto foi contra a seleção de Camarões e durante os preparativos para a partida, o clima continuava de dúvidas e incertezas. Mas, o resultado da partida foi bem positivo, 4 a 1 para o Brasil. O craque mais uma vez é a capa do caderno de esporte. “Com dois gols de Neymar e ótima entrada de Fernandinho, Brasil goleia Camarões e encara Chile” (FOLHA DE S. PAULO, 24/06/2014, p.D1). Com a vitória e o bom desempenho de Neymar surge uma nova expectativa sobre a seleção brasileira e o craque “No primeiro tempo, o Brasil teve duas ótimas jogadas. A primeira dar a bola para Neymar. A segunda, dar a bola para Neymar” (FOLHA DE S. PAULO, 24/06/2014, p.D2).

O Brasil é classificado para as oitavas de final e seu próximo adversário foi o Chile: “Time de Felipão faz contra o Chile a sua pior partida, mas nos pênaltis, avança às quartas de final graças ao goleiro” (FOLHA DE S. PAULO, 29/06/2014, p.A1). Após o empate o clima de insegurança voltou. O próximo adversário da seleção era a Colômbia. O Brasil venceu, mas o principal jogador se machucou. “Brasil vai à semifinal, mas Neymar está fora da Copa”. Em sua melhor partida, segundo a *Folha*, o Brasil venceu a Colômbia, por 2 a 1, gol dos zagueiros Thiago Silva e David Luiz. Porém o que era para se tornar um dia só de comemoração foi abalado pelo colombiano Zuñiga que acertou uma joelhada nas costas de Neymar e tirou o craque do Mundial. “Em sua primeira Copa o camisa 10 teve fraturada a terceira vértebra lombar. Chorando, saiu de maca, levado ao hospital e usará cinta para imobilizar a coluna. A previsão para a recuperação é de até seis semanas” (FOLHA DE S. PAULO, 05/07/2014, p.A1). Desde o pentacampeonato em 2002, o Brasil não se classificava para uma semifinal. A falta do artilheiro causou ainda mais insegurança sobre o futuro da seleção na competição: “Sem ele dá? Brasil mostra evolução, mas perde Neymar e precisa agora refazer o time para buscar sua vaga na final” (FOLHA DE S. PAULO, 05/07/2014, p.D1).

Nesse momento difícil, o jornal retoma a história de Pelé, que apoiou a seleção. “Eu me contundi na Copa de 1962, no Chile. Mas Deus presenteou o Brasil com a conquista

daquele Mundial. Espero que aconteça o mesmo com a nossa seleção nesta Copa, disse Pelé à **Folha**” (FOLHA DE S. PAULO, 05/07/2014, p.D6). Já Amarildo acha difícil alguém substituir Neymar: “Em 1962, nós sabíamos quem eram os titulares e reservas. Quando Pelé se machucou todos sabiam que eu entraria. E aquela seleção tinha muitos craques. Hoje, só o Neymar é o diferenciado. Será difícil achar substituto, disse Amarildo” (FOLHA DE S. PAULO, 05/07/2014, p.D6). O capitão Thiago Silva também não pôde jogar a semifinal, pois estava suspenso, mas buscou motivar sua equipe. “A seleção brasileira não é só Neymar. Temos 23 jogadores com condições de jogar é isso que temos que focar, disse Thiago Silva” (FOLHA DE S. PAULO, 05/07/2014, p.D6). A presidente Dilma Rousseff postou em redes sociais: “Todo nosso apoio a @neymarjr! #ForçaNeymar” (FOLHA DE S. PAULO, 05/07/2014, p.D7). O sentimento de dúvida pairava sobre toda nação e a torcida ficou em dúvida. “Enquanto alguns diziam que o Brasil não tem chances sem Neymar, outros apostam em reação” (FOLHA DE SÃO PAULO, 05/07/2014, p.D7). O estado do craque foi o destaque do jornal até o dia do jogo contra a Alemanha.

O Brasil não teve o mesmo “final feliz” de 1962, pela segunda vez a seleção perdeu a chance de ser campeã em seu país. A Alemanha venceu por 7 a 1, foi a maior derrota da história do futebol brasileiro. “Sem Neymar e Thiago Silva, seleção sofre apagão, é humilhada pela Alemanha e, na pior derrota de sua história, dá adeus ao sonho de ganhar o hexa em casa” (FOLHA DE S. PAULO, 09/07/2014, p.D1). O técnico Felipão se responsabilizou pela derrota e disse que com Neymar em campo não teria sido diferente: “Não tem por que imaginar que a gente não sofreria os gols. Ele é uma atacante não um defensor” (FOLHA DE S. PAULO, 09/07/2014, p.D2). A derrota que foi chamada de vexame pela *Folha* deixou a nação brasileira decepcionada. A Alemanha se consagrou campeã do Mundial de 2014, na final contra Argentina, os alemães venceram por 1 a 0. O Brasil disputou o terceiro lugar, mas perdeu para Holanda de 3 a 0, portanto ficou em quarto lugar. Sobre a saída do jogador Neymar a *Folha* mostrou opiniões diferentes, tiveram textos com discursos que construíram imagem de que era possível acreditar na seleção e outros duvidavam de um bom resultado. Houve uma grande comoção quando Neymar se machucou, muitos consideraram como o fim da seleção na competição e a torcida ficou preocupada com estado do jogador. A contusão do atleta tomou grande proporção e foi muito falada nas edições do jornal impresso. Esse tipo de situação demonstra que quando um jogador se torna o ídolo da seleção os jornais tendem a dar mais notícias sobre o craque para despertar a atenção dos leitores.

Conclusão

Os heróis do futebol são idolatrados. Os torcedores criam expectativas, ficam ansiosos, sofrem, choram, comemoram... E o papel da mídia é tanto alimentar esses sonhos quanto colocar um fim nas expectativas criadas por eles. Este trabalho procurou compreender a maneira com que os jornais abordaram as notícias da Copa do Mundo de 1962 e 2014.

No Mundial de 1962, Pelé era considerado o craque da seleção brasileira e os torcedores depositaram nele a esperança de conquistar o bicampeonato. O Rei começou bem na competição, mas se machucou na segunda partida e não pode mais voltar a jogar. O *Jornal do Brasil* buscou uma cobertura com matérias que procuravam não desanimar os torcedores brasileiros, com constantes notícias sobre o atleta, dando esperança que ele poderia voltar à competição a qualquer momento. O veículo não deixou Pelé de lado, mas apresentou outros craques como Amarildo e Garrincha, esses jogadores mesmo que não tenham sido considerados “reis” se transformaram em ídolos dos torcedores brasileiros. Percebe-se que o cenário do futebol é o meio que tem a capacidade de se modificar, tanto a história quanto seus personagens. O *Jornal do Brasil* construiu a imagem dos jogadores através dos discursos utilizados. Tendo impacto sobre os leitores que seguiam o veículo, já que 1962, o jornal impresso era uma das mídias mais consumidas pelos torcedores.

Na Copa do Mundo de 2014 o cenário era outro. Nos tempos atuais existem diversos meios de comunicação, as notícias chegam rapidamente até o público, por meio principalmente, da internet e da televisão. Sendo assim, o jornal impresso *Folha de São Paulo*, optou, além da cobertura esportiva, por matérias que abordassem o impacto da Copa do Mundo no Brasil, curiosidades, dicas de trânsito, de turismo, de entretenimento, dentre outras informações que despertassem o interesse dos leitores. A seleção brasileira de 2014 antes de começar a Copa era considerada a favorita ao título, começou bem, mas as mudanças constantes e o clima de dúvidas já estavam presentes. Quando Neymar, que era considerado o melhor jogador da seleção daquela época, se machucou, este cenário de incerteza dominou o pensamento das pessoas, muitos acreditavam que era o fim da seleção outros mantinham a esperança. Acabou que a seleção sofreu a maior derrota de sua história, enquanto em 1962 conquistou o bicampeonato.

Os dois momentos estudados neste trabalho demonstram a construção de um discurso de jogadores que são considerados ídolos de uma nação considerada o “país do futebol”. Pelé e Neymar, os melhores da seleção brasileira da época, quando eles se

machucam os jornais trabalham para lidar com a comoção dos torcedores. Os dois atletas são considerados ídolos da seleção brasileira em épocas distintas da história da equipe. Ambos eram importantes para o sucesso do time nas competições e os dois se machucaram. A diferença é a forma como essa sensação de perda foi noticiada pelos veículos de formas distintas. Em 1962, a lesão de Pelé foi tratada como séria ameaça à conquista do bicampeonato. Apesar de haver esperança que o Rei voltasse aos gramados, ele não se recuperou a tempo de retornar a atuar naquela Copa. O discurso do jornal analisado – *Jornal do Brasil* - mostra ainda que outros atletas como Amarildo e Garrincha poderiam contribuir para a conquista mesmo sem Pelé, o que de fato aconteceu. De qualquer forma, a construção discursiva em torno do atleta é de que ele poderia ter agregado mais qualidade àquela equipe já vitoriosa e que sua participação, junto à delegação até o fim da Copa, também teria contribuído para o sucesso no Mundial.

Em 2014, a saída de Neymar gerou preocupação e um discurso pela *Folha de S. Paulo* que mesclava otimismo em relação à possibilidade de conquista e questionamentos sobre a qualidade e eficiência da equipe sem o atacante. A ausência do craque pode ter contribuído para o fracasso nas duas partidas seguintes. Isso fez com que o periódico tratasse a falta do atleta não como fator preponderante para as derrotas, mas que teria sido uma das várias causas. O que diminui a importância da figura do ídolo na campanha daquela equipe.

Percebe-se que as matérias dos dois veículos caminham para uma mesma conclusão: a de que mesmo que os dois atletas sejam importantes para a equipe, considerados os ídolos de sua geração, a participação deles em campo não afetaria o resultado das duas copas. O Brasil continuaria vencendo em 1962 e sofreria a maior derrota da seleção brasileira em 2014. Pelé e Neymar poderiam estar em campo nesses dois momentos, mas a história seria essa, com ou sem seus heróis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Cultrix, 1995.

DA MATTA, Roberto. **Esporte na sociedade**: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DA MATTA (org.) *Universo do Futebol*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. 4^a ed., São Paulo, Perspectiva, 1991.

GASTALDO, Édison L. **Um Tempo Para Jogar**: O 'Ser Brasileiro' na Publicidade da Copa do Mundo de 1998. *Campos* 1:123-146, 2001.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

GUEDES, Simoni Lahud. Futebol e identidade nacional: reflexões sobre o Brasil. In: DEL PRIORE, Mary e MELO, Victor Andrade de. (Orgs.) **História do Esporte no Brasil**: do império aos dias atuais. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

HELAL, Ronaldo, SOARES, Antonio Jorge e LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Cia das Letras, 2009

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**: neurose. (Tradução de Maura Ribeiro Sardinha). 1ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997, 202 páginas.

SARMENTO, Carlos Eduardo. **A regra do jogo**: uma história institucional da CBF/Coordenação Adelina Maria Novaes Cruz, Carlos Eduardo Sarmento e Juliana Lage Rodrigues; Texto Carlos Eduardo Sarmento. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. 176 f.

SANTORO, Marco Antonio. **Futebol, imprensa e memória**. In: Revista Fronteiras – estudos midiáticos, Unisinos: VI(1):61-78, janeiro/junho 2004.

SOARES, Antonio Jorge G. **O Declínio da Pátria de Chuteiras**: imprensa, futebol e identidade nacional na Copa do Mundo de 2002. In: Miguel Pereira; Renato Cordeiro Gomes; Vera Lucia Follain de Figueiredo. (Org.). Comunicação, Representação e Práticas Sociais. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2004, v. 1, p. 257-277.

Jornais

FOLHA DE S. PAULO. São Paulo, 2014.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 1962.